

III SÉRIE

REC

PRAIA, Nº1 - DEZEMBRO 2016

REVISTA DE ESTUDOS
CABO-VERDIANOS



CABO-VERDIANIDADE(S)

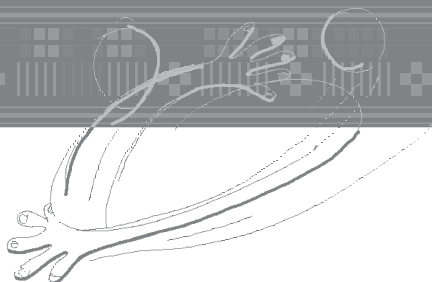
M. Fátima Fernandes, J. Esteves Rei (Org.)

Edições
uniCV

III SÉRIE

REC

REVISTA DE ESTUDOS
CABO-VERDIANOS



CABO-VERDIANIDADE(S)

M. Fátima Fernandes, J. Esteves Rei (Org.)

Edições
uniç

FICHA TÉCNICA

Título	Revista de Estudos Cabo-verdianos - III Série
Propriedade	Universidade de Cabo Verde
ISSN	2073 – 9419
Direção	M. Fátima Fernandes e J. Esteves Rei
Conselho Editorial	Amália Melo Lopes - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Américo Peres - <i>Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro</i> Ana Cristina Pires Ferreira - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Ana Paula Arnaut - <i>Universidade de Coimbra</i> António Correia e Silva - <i>Universidade de Cabo Verde</i> António Jorge Costa - <i>Universidade Fernando Pessoa</i> António Tavares de Jesus - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Aracy Alves Martins - <i>Universidade Federal de Minas Gerais</i> Artur Bento - <i>Universidade Federal do Rio de Janeiro</i> Carlos Bellino Sacadura - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Clara Ferrão Tavares - <i>Instituto Politécnico de Santarém</i> Crisanto Barros - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Eurídice Monteiro - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Gabriel Fernandes - <i>Universidade de Santiago</i> Isabel Ponce de Leão - <i>Universidade Fernando Pessoa</i> Iva Cabral - <i>Universidade Lusófona de Cabo Verde</i> João Lopes Filho - <i>Universidade de Cabo Verde</i> João Paulo Araújo - <i>Universidade Federal de Minas Gerais</i> Jorge Pedro Sousa - <i>Universidade Fernando Pessoa</i> José Esteves Rei - <i>Universidade de Cabo Verde</i> José Pacheco - <i>Universidade do Minho</i> Lourenço Gomes - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Luísa Inocêncio - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Manuel Brito-Semedo - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Maria Adriana Carvalho - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Maria de Fátima Fernandes - <i>Universidade de Cabo Verde</i> Maria Luísa Álvares Pereira - <i>Universidade de Aveiro</i> Míria Gomes de Oliveira - <i>Universidade Federal de Minas Gerais</i> Nardi Sousa - <i>Universidade de Santiago</i> Pedro Borges Graça - <i>Universidade de Lisboa</i> Simone Caputo Gomes - <i>Universidade de São Paulo</i> Vanda Lúcia Praxedes - <i>Universidade Federal de Minas Gerais</i>
Revisão	José Esteves Rei Maria de Fátima Fernandes
Coordenação Editorial	DSDE - Elizabeth Coutinho
Paginação	GCI - Gabinete de Comunicação e Imagem
Edições Uni-CV	Praça Dr. António Lerenó Caixa Postal 379-C Praia, Santiago, Cabo Verde Tel (+238) 260 3851 – Fax (+238) 261 2660 E-mail: edicoes@adm.unicv.edu.cv

ÍNDICE

A ABRIR...

- Revista de Estudos Cabo-verdianos, em III Série
M. Fátima Fernandes e J. Esteves Rei..... 7

CABO-VERDIANIDADE(S) – EM BUSCA DE NOVAS PERSPETIVAS

- Cabo-verdianidade: construindo a ontologia nacional
Artur Bento 11
- Muntu: O Outro (Lado) Esquecido da Caboverdianidade!*
Nardi Sousa 21
- Cabo-verdianidade(s): entre a essência e o desejo de ser
cabo-verdiano – uma revisitação dos percursos da literatura cabo-
verdiana
Maria de Fátima Fernandes 39
- A construção da Nação Cabo-verdiana: dimensões objetivas e subjetivas
João Paulo Madeira 51
- Marcas da cabo-verdianidade na intervenção dos professores na
imprensa republicana (1912-1924)
Maria Adriana Sousa Carvalho 59
- Gastronomia, música e dança no ciclo de vida do homem cabo-verdiano
Manuel Brito-Semedo..... 69
- A língua portuguesa perante o desafio do desenvolvimento de
Cabo Verde
António Correia e Silva..... 87

CABO-VERDIANIDADE(S) – DIÁLOGOS CABO VERDE / BRASIL: À DESCOBERTA DE CABO-VERDIANIDADES: INTERCULTURAS PLURAIS

- Múltiplos olhares de pesquisadores brasileiros sobre cabo-
verdianidades
Aracy Alves Martins; Míria Gomes de Oliveira; Vanda Lúcia Praxedes.... 101
- Em busca de outros saberes: interculturalidade, intercâmbio e
intertextualidade entre Brasil e Cabo Verde
Eurídice Monteiro; João Paulo Araújo..... 113
- Literatura e música: ecos de cabo-verdianidade
Simone Caputo Gomes 127

CABO-VERDIANIDADE(S) – RELATO DE UMA VIVÊNCIA

A erupção vulcânica da ilha do Fogo de 2014/15

O olhar humano e a ação do cientista

Sónia Silva Victória 139

LIVROS - RECENSÕES / APRESENTAÇÕES

Estudos sobre Filosofia da Educação

Carlos Bellino Sacadura

Irene Cruz 151

Cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena

A outra face do Homem

Vera Duarte 157

Em busca de outros saberes: interculturalidade, intercâmbio e intertextualidade entre Brasil e Cabo Verde

Eurídice Monteiro
Universidade de Cabo Verde
euridice.monteiro@docente.unicv.edu.cv

João Paulo Araújo
Universidade Federal de Minas Gerais
joao.antropologia@gmail.com

Resumo

No âmbito do projeto “Ensinar qual Língua, Ler qual Literatura? Interculturalidade e relações étnico-raciais no Brasil e em Cabo Verde”, então sob a coordenação da Prof.^a Aracy Martins (Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG) e da Prof.^a Fátima Fernandes (Universidade de Cabo Verde, Uni-CV), estudantes e docentes das duas universidades têm vindo a colaborar em pesquisas e a realizar intercâmbio entre Brasil e Cabo Verde. Este texto relata a experiência de um estudante e uma professora no âmbito deste projecto em curso.

Abtract

In the scope of the project “Teach what language, read what Literature? Interculturalism and ethnic-racial relations in Brazil and in Cape Verde”, in this moment under the coordination of Prof.^a Aracy Martins (Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG) and Prof.^a Fátima Fernandes (Universidade de Cape Verde, Uni-CV), students and teachers from both universities have been collaborating in research and conduct exchanges between Brazil and Cape Verde. This paper reports the experience of a student and a teacher in the context of this ongoing project.

João Paulo Araújo: Uma experiência de pesquisa e estudo em Cabo Verde

No primeiro semestre de 2015, passei quatro meses em Cabo Verde no âmbito do programa de mobilidade internacional – CAPES/AULP “Ensinar qual Língua, Ler qual Literatura: Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais no Brasil e em Cabo Verde”. Como estudante de Antropologia particularmente interessado nos estudos sobre povos e comunidades tradicionais no Brasil, ao longo de minha estadia naquele país me chamou a atenção, sobretudo, as comunidades de pesca artesanal cabo-verdianas.

Com esse interesse em mente e percebendo cada vez mais a relevância social da pesca artesanal para Cabo Verde, me aproximei o quanto pude do grupo que compõe a rede da pesca na ilha de Santiago, como também tive a oportunidade de conhecer e conversar com pescadores e peixeiras da ilha do Maio. Durante esse período conversei e gravei entrevistas com peixeiras, pescadores, fabricantes de botes e agentes públicos ligados ao setor da pesca.

De volta ao Brasil, resolvi aproveitar esta rica experiência, bem como o material já recolhido, e ingressei no mestrado em Antropologia na UFMG com o tema da pesca artesanal em Cabo Verde.

Tenho encaminhado minha pesquisa no sentido de procurar refletir sobre o lugar social ocupado pelos atores envolvidos com a pesca artesanal no âmbito da sociedade cabo-verdiana. Quem são estas pessoas, qual a importância do seu trabalho no contexto de Cabo Verde, como se dá a relação do Estado com este grupo, como se dá o trabalho da pesca, como se dá a distribuição do

pescado, bem como o que estes atores têm a dizer sobre o lugar que ocupam na sociedade cabo-verdiana são algumas das questões com as quais procuro lidar no âmbito da minha pesquisa.

Da parte dos pescadores e peixeiras, com os quais conversei, ouvi muitas queixas relacionadas à falta de apoio do governo em relação às pescas, preocupações em relação aos riscos inerentes à atividade, bem como muitas reclamações em relação à renovação do conhecido protocolo de pesca com a União Europeia.

Para além da importância da pesca no âmbito da geração de empregos diretos e indiretos, como também da importância da pesca para a segurança alimentar dos cabo-verdianos há um aspecto muito pouco estudado, visibilizado e debatido em Cabo Verde que é todo o conhecimento tradicional desenvolvido, guardado, acumulado e retransmitido ao longo de gerações no âmbito da pesca.

Para Diegues (2000), “conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano/industrial e transmitidos oralmente de geração em geração” (Diegues, p.30. 2000).¹ No caso de Cabo Verde, em se tratando da pesca artesanal, manteve contato com pescadores que estão na atividade há décadas e que aprenderam a pescar com seus pais, avôs, tios e amigos. Aprender a pescar, aprender a navegar sem instrumentos nas águas profundas do mar de Cabo Verde, exige destas pessoas uma expertise que não se adquire no banco da escola.

1 Diegues, Antonio Carlos – “Etnoconservação da natureza: Enfoques Alternativos” IN Antonio Carlos Diegues (org.) Etnoconservação. Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo, Hucitec, 2000.

Conhecer comportamento das várias espécies de peixes, aprender a melhor forma de capturar cada espécie, aprender sobre os lugares onde os peixes são encontrados, saber sobre o movimento das mares e as artimanhas das fortes correntes marítimas que passam por Cabo Verde são alguns dos aspectos desta vida marcada de perigos.

Quando conversava com um pescador da localidade de Porto Mosquito que tem mais de trinta anos de experiência na pesca notei que o dorso de uma de suas mãos era marcado por cicatrizes das grossas linhas usadas na captura de peixes fortes como o atum. Estas marcas me tocaram profundamente e me fizeram pensar na luta deste pescador contra o peixe que garante o seu sustento e de sua família e que permite a manutenção da modesta e organizada casa que conheci, por ter sido gentilmente convidado para o almoço.

Este mesmo pescador me falou muito sobre os perigos do mar e sobre a importância dos companheiros de pesca no enfrentamento destes riscos. Reclamou sobre o problema da falta de gelo e da falta de câmaras frigoríficas para a conservação do pescado. Todos os pescadores com quem conversei, quando toquei no assunto do acordo de pesca com a União Europeia, foram unânimes em tecer duras críticas ao governo pela renovação do protocolo. Relatam uma diminuição drástica do pescado, o que os obriga a navegar distâncias cada vez maiores para captura do peixe, aumentando o risco da atividade.

Para além da comunidade piscatória, a então ministra das Infraestruturas e Economia Marítima, Sara Lopes, também criticou os termos do protocolo de pescas com União Europeia:

“Não é normal que um país como Cabo Verde esteja a discutir um acordo com a União Europeia sobre o acordo de pesca. É o que eu digo aos governantes da União Europeia: vocês sabem que isso não é negociação, porque um país pequeno como Cabo Verde tem sérias dificuldades de negociar com um bloco chamado União Europeia, portanto, dão com uma mão e tiram com a outra.” (Disponível em <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/politica/item/43309-cabo-verde-nao-esta-satisfeito-com-acordo-de-pesca-com-a-uniao-europeia-%E2%80%93-sara-lobes>, acessado em 20/08/2016)

Serão 71 navios portugueses, espanhóis e franceses pescando nas águas de Cabo Verde durante quatro anos por uma contrapartida de 550.000 mil euros nos dois primeiros anos e 500.000 nos dois últimos anos.

Em se tratando deste acordo com a União Europeia, recolhi depoimentos suficientes para me fazerem crer que os pescadores artesanais de Cabo Verde não o consideram um acordo justo, configurando, a meu ver, um quadro de conflito ambiental territorial tal como preconizam Zouhri & Laschefski (2010: 23) para quem estes “marcam situações em que existe uma sobreposição de reivindicações de diversos segmentos sociais, portadores de identidades e lógicas culturais diferenciadas, sobre o mesmo recorte espacial”.²

Partindo de uma perspectiva orientada pelos estudos com povos e comunidades no Brasil e considerando que uma sociedade pós-colonial como o Brasil ou Cabo Verde não se livram do seu passado escravocrata, hierárquico e desigual com um simples passe mágica, ou com a proclamação de suas independências, entendo que refletir com os

2 Zouhri, Andréa.; Laschefski, Klemens. (org.) Desenvolvimento e Conflitos ambientais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

pescadores artesanais de Cabo Verde sobre seu lugar social é também realizar um exercício crítico das heranças de nosso passado colonial.

Se a professora Eurídice Monteiro, para realizar sua crítica em relação a posição das mulheres na sociedade cabo-verdiana está constantemente revisitando o passado de Cabo Verde para iluminar as questões do presente, acredito que em relação à pesca este também é um caminho seguro.

A invisibilidade social dos pescadores e peixeiras, apesar de sua extrema importância para Cabo Verde, pode ser melhor compreendida se levamos em conta que cinco séculos de colonização europeia deixaram marcas profundas nesta sociedade. A desigualdade social, herança do passado colonial em que os africanos eram vendidos como mercadoria e as populações indígenas na América eram exterminadas para dar passagem à empresa colonial, é um traço característico da grande maioria das ex-colônias europeias.

Podemos dizer que nossos países precisam lidar com o passivo da colonização, algo extremamente complexo e que ainda está longe de ser superado. Eurídice Monteiro, ao dar ênfase no passado colonial de Cabo Verde para compreender as relações de opressão do presente estabelece um nexos de extrema importância para minha pesquisa.

Os pescadores artesanais de Cabo Verde são verdadeiros mestres em matéria de mar, são profundos conhecedores da territorialidade que garante sua reprodução social, o fruto de seu trabalho garante emprego, renda e é a fonte de proteína mais barata disponível à população de baixa renda e nem por isso sua opinião importa quando o governo resolve estabelecer um acordo que diretamente lhes interessa.

Assim como o trabalho e a pesquisa da professora Eurídice Monteiro contribui para um debate de extrema relevância e de visibilização de relações de opressão e na condição de feminista a professora marca seu posicionamento político, minha pesquisa tem a pretensão de visibilizar relações assimétricas e minha condição de antropólogo faz com que meu posicionamento seja orientado pelos sujeitos de minha pesquisa.

Eurídice Monteiro: Seminário na Universidade Federal de Minas Gerais³

Hoje, esta comunicação ou esta conversa que tem como título “*A importância dos estudos pós-coloniais para as teorias de gênero*” vai partir do caso cabo-verdiano, mas antes de começar a falar queria saber aqui qual é a vossa ideia sobre Cabo Verde. Vocês já tem alguma ideia sobre Cabo Verde? Como é que nós poderíamos pensar esta questão? Uma desconstrução da própria teoria feminista, a partir de perspectivas pós-coloniais. Alguém quer dar o ponta pé de saída? Qual é a ideia que vocês tem de Cabo Verde?

Plateia: Eu não sabia que era uma ilha...arquipélago! (risos)

Pois, Cabo Verde é um arquipélago. Já temos um elemento muito importante, esta dimensão mais geográfica que é a dimensão arquipelágica. Temos dez ilhas, nove habitadas e uma que continua ainda deserta, portanto nós somos um arquipélago. Outros elementos, que vocês conhecem de Cabo Verde? Alguma ideia, sobre Cabo Verde?

³ Eurídice Monteiro agradece a João Paulo Araujo pela transcrição deste seminário realizado no dia 3 de Março de 2016, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

Plateia: País colonizado no século dezasseis (?) por Portugal com produção ou uso de engenho e... trazida gente do continente africano.

Exatamente, há este elemento também que é extremamente importante que é um elemento de referência. Em termos históricos, há esta informação de que Cabo Verde foi descoberto por navegadores europeus ao serviço de Portugal entre 1460 a 1462.

Quando da chegada dos portugueses, não tinha população autóctone. Portanto, nós temos esse elemento que é extremamente importante, que é esta dimensão arquipelágica. Para além de Cabo Verde, temos também São Tomé e Príncipe como um arquipélago. Os outros países, que hoje são países africanos de língua oficial portuguesa, fazem parte do continente. Então, temos essas dimensões mais continentais e as arquipelágicas. Esse outro elemento a que ele se referiu, o tipo de povoamento, também tem uma dimensão muito importante. Há uma curiosidade em relação a este aspecto que o fato de em Cabo Verde o processo de ocupação ter sido também um processo de colonização do território. Não havia pessoas antes da chegada dos navegadores portugueses, de maneira que esse se torna um ponto estratégico nas rotas transatlânticas, ainda na era dos descobrimentos, no século XV (1460-1462), ainda antes da chegada ao Brasil.

Nesta fase, Cabo Verde foi utilizado como placa giratória, servia como um ponto estratégico nas rotas transatlânticas do tráfico negreiro. Estas são dimensões importantes que vão trazer os elementos de referenciação de Cabo Verde em relação aos arquipélagos europeus, Açores e Madeira, porque Cabo Verde vai ser ocupado por uma população substancialmente africana e uma pequena parte europeia.

Das narrativas de origem aos mitos fundadores da Nação

A partir desses elementos começam um conjunto de narrativas que vão marcar as ideologias, quer a ideologia colonial, quer o pensamento mestiço cabo-verdiano, que tem sempre esta necessidade de invenção de um mito de origem e esse mito de origem tem estas duas metades que é a parte africana e a parte europeia e aqui é que está a curiosidade.

Estes aspectos de ordem empírica vão estar presentes na interpretação ou na apropriação da história por parte dos nossos ideólogos e também por parte do regime colonial português. Por exemplo, a presença de África e Europa vão contribuir para a gestação da sociedade cabo-verdiana como fundada a partir destes dois grandes grupos.

Temos esta dimensão nas narrativas que diz que o povo cabo-verdiano surgiu a partir do encontro entre Europa e África, mas nisto já existe uma interpenetração de uma certa ideologia colonial e ao mesmo tempo sexista. O que eu chamo de racismo colonial e sexismo colonial. Só que este racismo colonial é também sexista. Na narrativa sobre o encontro entre Europa e África para a formação do povo crioulo, Cabo Verde é apresentado como um arquipélago de criolidade.

Para a gestação desse povo, a partir desse encontro entre Europa e África, há dois pares em interação Senhor/Pai/Europa e Escrava/Mãe/África. Temos aqui dois pares: o Senhor, aqui, remetendo a essa dimensão de classe, Senhor que ao mesmo tempo é o Pai e representa a Europa; a Escrava, que é a mãe e representa a África. Portanto, África que é representada pela Escrava negra e o Senhor branco representa a

Europa. É a partir dessa relação que a fábula nacional diz que surge o sujeito mestiço cabo-verdiano.

O que pode ser interessante é perceber porque nossos ideólogos do pensamento mestiço cabo-verdiano exaltam esse relação e exaltam o produto da mestiçagem. Vocês aqui no Brasil tiveram a fase do modernismo brasileiro. Essa fase intensa de produção cultural vai inspirar o que nós em Cabo Verde chamamos de modernismo cabo-verdiano que ficou marcado sobretudo pela revista *Claridade*. Esta revista foi um periódico de construção da cabo-verdianidade.

Nós temos um outro mito muito forte em Cabo Verde que é a ideia de que a nação nasce antes do Estado. Antes da independência nacional já tínhamos os elementos que podem configurar uma identidade de pertença nacional. Alguns cabo-verdianos dizem que a partir do século XVII já tínhamos um povo, com uma identidade própria e que essa identidade ficou mais completa a partir de finais do processo de escravidão e quando chegou a independência nós já tínhamos uma nação firme e o Estado veio a completar esta dimensão de Estado-nação.

Quando surgiu a *Claridade*, o Brasil já estava nesse processo de pensar a identidade brasileira, todo um processo de modernismo, de virar para a cultura popular, de reinventar todo um pensamento já distanciado daquela velha influência que vinha da Europa. Os cabo-verdianos vão fazer o mesmo. O curioso é saber porque que, naquele exato momento em que uma geração de intelectuais resolveu fincar os pés na terra, buscar as raízes cabo-verdianas, procurou identificar Cabo Verde com o Brasil do Modernismo, sobretudo com o nordeste brasileiro e não com um outro

projeto que também era seu contemporâneo, o movimento da negritude. Este foi um movimento também dos anos trinta do século XX e que foi marcado pela presença de grandes intelectuais africanos de outras antigas colônias, nomeadamente as francesas.

Se havia, por um lado, o projeto da negritude e, por outro, um projeto que veio a se configurar como o luso-tropicalismo (sobretudo marcado pela presença de Gilberto Freire, esse projeto mestiço de Gilberto Freire), por que razão os intelectuais cabo-verdianos viraram mais para o Brasil e não para esta perspectiva da negritude apresentada por intelectuais das antigas colônias francesas? Na época eram ainda colônias de França, hoje alguns são departamentos de França. A revista *Claridade* foi de 1936 até 1960, mas continua ainda hoje a ser parte do cânone literário cabo-verdiano, continua a dominar o pensamento mestiço cabo-verdiano.

Por que razão Cabo Verde resolveu se identificar com as representações que partiam do Brasil? A primeira justificação pode ser por causa do acesso às informações. Essa partilha do colonizador comum permitiu que se criasse algum tipo de proximidade e quando o Brasil alcançou a sua independência começou a ser uma espécie de referência para Cabo Verde. Inclusive houve momentos, sobretudo depois da independência do Brasil, em que alguns cabo-verdianos queriam separar de Portugal para se juntarem ao Brasil.

Há vários elementos comuns da história do Brasil e Cabo Verde que permitem perceber que há um maior fluxo de informação entre o Brasil e Cabo Verde, além da própria circulação de pessoas e livros. Então há uma identificação através do colonizador.

E no momento em que os intelectuais cabo-verdianos estavam com sede de produzir alguma reflexão sobre Cabo Verde, o que é que eles encontraram? Descobriram os livros que na época estavam a ser publicados no Brasil: um conjunto de outros livros que hoje já não nos interessam, mas essencialmente, são importantes para percebermos como é que ainda Cabo Verde e Brasil, de certa maneira, têm um conjunto de resquícios que condicionam outras interpretações da história e dos nossos processos identitários.

Essa teoria produzida aqui no Brasil que veio a se configurar no luso-tropicalismo de Freire, em termos sintéticos é a exaltação do colonizador português, essa exaltação de um certo “humanismo hibridizante do colonizador português”. Toda essa exaltação de um pretense mundo luso-tropical de Gilberto Freire, a sua exaltação do mestiço, a mestiçagem numa dimensão muito positiva (porque Freire surge num momento em que a mestiçagem era vista como algo degenerativo). Portanto, Freire começa a exaltar a mestiçagem trazendo elementos positivos desta e, sobretudo no caso do Brasil, a exaltar essa penetração ou essa contribuição muito vasta da cultura negra. Foi o primeiro a fazer isso, a exaltar a contribuição da cultura negra na cultura brasileira. Curiosamente, o projeto de Freire, na sua fase inicial, tinha uma dimensão extremamente interessante porque exaltava o polo que foi oprimido. No caso cabo-verdiano, a incorporação da teoria do luso-tropicalismo vai servir justamente para apagar o elemento negro. O período da *Claridade* vai mostrar como é que, em Cabo Verde, se o negro entrou na história, estaria prestes a sair.

Do debate de 1936 a 1960...

Há aqui a apresentação de Cabo Verde com uma espécie de regionalismo também, mas de um regionalismo europeu. Nesta fase de 1936 até 1960, vamos encontrar todo um debate em Cabo Verde. Hoje, a revista *Claridade* tem resultado em várias teses de mestrado e doutoramento, porque hoje nos permite fazer várias leituras e compreender como é que aqueles debates continuam a marcar o pensamento cabo-verdiano.

De modo muito sintético, o importante é ressaltar que esta dimensão que eu vos disse, de Senhor-Pai-Europa, vai prevalecer. Portanto, homem-branco-aventureiro vai sobrepor-se a uma suposta passividade da mulher escrava negra. Então, esse polo que é constituído como um polo inferior, nessa condição de inferioridade, essa subalterna que é mulher, que é escrava, que é a negra, vai ser de certa forma silenciada, apagada de toda a narrativa sobre a formação de Cabo Verde. Não há uma nação sem essa dimensão lógica, ela ser reconhecida como mãe, mas fica até aí. De maneira que toda cultura cabo-verdiana é exaltada na sua dimensão europeia.

Interessante é perceber como esse processo é não só herdeiro da própria interpretação colonial, como a ideologia colonial é que constrói todas estas narrativas das inferioridades das raças. Todo esse momento fundamental é o momento de silenciamento da África, da mulher e inclusive o momento de invisibilização da própria condição de colonizado. A perplexidade disso é que *Claridade* surgiu no mês de Março de 1936 e em abril do mesmo ano tinha sido aberto em Cabo Verde o campo de concentração do Tarrafal. Portanto, não era possível ignorar a existência do

colonizador, mas ainda assim o projeto claridoso vai optar por uma análise meramente culturalista e vai ignorar todo o processo político que estava então em curso.

Com isso, toda leitura que é produzida sobre Cabo Verde não vai ultrapassar as perspectivas que o colonizador apresentar. E quando utiliza Gilberto Freire como teórico para fazer a sua viagem a Portugal e às suas possessões ultramarinas, Salazar vai conseguir se apropriar do discurso de Gilberto Freire para mostrar que efetivamente Portugal tinha direito de continuar a colonizar, continuar a ter, portanto, a posse das então colônias.

À época houve uma verdadeira exaltação de Cabo Verde como um caso excepcional dentro do contexto colonial português. Estamos diante de um “arquipélago de criolidade”, que surge a partir desta transição. Surge a partir de uma realidade que é colonial e simultaneamente escravocrata. A maior parte dos que foram levados para lá eram africanos. Uma parte insignificativa, de europeus, foram para lá dentro de um projeto colonial e escravocrata.

Hoje, vocês quando veem a população brasileira, vocês vão dizer que a vossa população nativa são os índios, não é? Mas hoje o Brasil tem uma população, daqui, que é branca. Nós em Cabo Verde não temos uma população local que é branca. No caso cabo-verdiano, ao contrário da América Latina, nós não temos uma população nativa branca. O que prevaleceu efetivamente são essas diferentes nuances desse objeto mestiço. Só que a construção do discurso cabo-verdiano é que nos leva a fixar na história, porque são apresentados sempre compartimentos assistêmicos: a África subalterna, a África inferior, a África de uma

cultura atrasada; a Europa civilizada, a Europa que aponta o caminho ao resto do mundo. Nada disso é diferente do que tinha, ou do que estava na altura a ser pronunciado através das narrativas coloniais.

Da dimensão feminista a uma perspectiva de gênero da história

Como é que entra aqui a dimensão feminista?

Todo o discurso mestiço é excessivamente inspirado nessa dimensão colonial. O pensamento mestiço cabo-verdiano tem uma forte relação com o pensamento colonial português. Cabo Verde tentou mostrar que é até melhor do que o Brasil conseguiu ser enquanto produto dessa aventura portuguesa secular. Mesmo após essa fase da geração Claridade nós vamos encontrar discursos ainda com esse viés masculinizante.

A própria geração de independência continuou a produzir um discurso masculinizante porque o próprio discurso nacionalista (quer na sua dimensão mais cultural, quer na sua dimensão mais de projeto político) se concentra marcado por esta carga excessivamente masculinizante. Os vários estudos pós-coloniais sobre a questão de gênero e nação da América Latina, da Ásia e em África, sobretudo os introduzidos pelas feministas da diáspora, conseguem mostrar como os projetos das independências nacionais foram todos dominados por homens, os líderes africanos eram todos homens, como o próprio discurso da época é um discurso marcadamente sexista.

Isso é importante porque se para a geração da Claridade o silenciamento da África significa o silenciamento da

dimensão da contribuição da mulher negra, portanto a escrava negra africana, já com uma viragem para África a geração da independência vai criar um discurso que se contrapõe ao do colonizador. Para se contrapor ao discurso do colonizador a geração da independência vai buscar, sobretudo, os grupos sociais mais oprimidos no decurso da história do país. Inclusive o resgate dessa dimensão mais maternalista da nação. A África da escrava, a mulher, os oprimidos, os trabalhadores mais precários, há uma identificação muito forte com os operários, a partir de um cruzamento com a própria ideologia marxista que influenciou muito a ideologia nacionalista, os nacionalismos africanos.

Então, nós vamos ter aqui um momento interessante porque os homens vão se apropriar, dar voz a estes grupos oprimidos, mas são eles a representar estes grupos oprimidos. São eles a comandar, são eles a liderar o processo histórico.

Hoje, o interessante é pensar em como o silenciamento da África significa o silenciamento das mulheres e uma maior pretensa ou associação à africanidade ainda hoje implica em certos sentidos uma maior inferiorização.

Minha contribuição, em termos desta reflexão, é ver por que razão em Cabo Verde, no decurso da história, com várias transformações que nós tivemos, por que razão ainda hoje, no caso das mulheres, uma maior africanização implica maior exclusão. A exclusão das mulheres que têm uma maior associação à africanidade ou que apresentam atributos físicos, sobretudo ditos mais africanizados.

Para os homens isso já não acontece como no passado. Isso significa que os homens, do que internamente se chamou a ilha mais negra, conseguiram

emergir, conseguiram ascender na sociedade crioula. Mas as mulheres mais negras da sociedade crioula não conseguiram. Nós temos aqui um elemento da história em permanente tensão. O ser mais negro em Cabo Verde não implica necessariamente maior exclusão, mas se tiver esse elemento de gênero, essa demarcação de gênero, aí já podemos reconsiderar a questão. Não é só ser negro, mas sobretudo ser mulher negra.

Em toda essa minha exposição falei apenas da mulher negra e do homem branco. Vocês podem questionar: mas em Cabo Verde não houve presença de mulher branca? Houve, em menor número. O que acontece com as mulheres brancas?

Se nós fizermos uma análise a partir da perspectiva pós-colonial, as mulheres brancas vão servir aqui como uma espécie de moralidade do império, porque quanto a elas não vai haver violação. São mulheres, estão lá, dentro de uma ilha, mas contra elas não vai haver violação. A violação vai acontecer contra negras. Aqui nós temos uma forma de romper com aquela ideologia que diz que a submissão da mulher é universal.

Em contextos coloniais não se coloca de modo total a questão da submissão de todas as mulheres. Nós vamos ter o seguinte: as mulheres brancas vão ocupar uma posição ambígua no projeto colonial, porque são por um lado a parte feminina e por outro, a partir da fronteira racial e colonial, são do grupo colonizador, do grupo dominante. A partir da fronteira de gênero estão, em certo sentido, subordinadas em relação ao homem patriarcal colonial. De maneira que ocupam uma posição ambígua, como mulheres e colonizadoras, mas estas mulheres brancas nunca

são inferiores aos homens negros colonizados ou escravizados.

Se a submissão da mulher fosse universal, as mulheres brancas estariam aqui em uma posição inferior ao do homem negro, o que não acontece. Há ilustrações, iconografias interessantes do tempo colonial que mostram estas representações a partir da paisagem urbana na Cidade Velha e que representam os diferentes grupos sociais. O negro aparece como criado, como escravo, amo e a senhora branca honrada aparece rodeada da sua escravaria. Então, a mulher branca vai aparecer aqui numa posição ambígua que é extremamente interessante, porque é a posição que vai prevalecer na consagração ou na manutenção da honra do Império.

Nós vamos encontrar a posição da mulher negra como a posição onde vão se concentrar todos os pólos da opressão, todo tipo de opressão vai ter sempre mais força nesta categoria. Quando nós pensamos nas relações entre as mulheres vem aqui uma outra relação interessante que é a convivência entre diferentes grupos sociais de mulheres em Cabo Verde. É uma relação muito tensa e no contexto da história de Cabo Verde foi uma relação a partir do cruzamento com a questão da sexualidade. A questão da sexualidade e dos relacionamentos que existiam na época entre as escravas e os senhores. Aqui nós vamos ter um conjunto de questões que são extremamente importantes. É que a própria sexualidade vai deixar de ser apenas uma questão da esfera privada para se tornar uma questão pública.

É justamente a partir da violação das mulheres negras que surge este sujeito perturbador, ou este projeto perturbador que é o projeto crioulo. Um arquipélago tão longo, tão

distante do rei, comparativamente com os arquipélagos de Açores e Madeira, e que servia de placa giratória nas rotas transatlânticas de escravos, acabou por ser um arquipélago de grande desestabilização e de grande perturbação política.

Entre o dito, o vivido e as consequências da fábula fundadora

Em Cabo Verde havia muitas doenças e, normalmente quando morriam os europeus, os cabo-verdianos é que ocupavam as posições de poder, ainda que transitoriamente, ainda que como governadores interinos. Então, tão cedo os cabo-verdianos começaram a ocupar os postos na administração, isso acabou também por criar o mito, não só da inteligência cabo-verdiana por ter tido acesso à educação mais cedo do que nas outras antigas colônias africanas de Portugal, mas o mito da habilidade do cabo-verdiano para a burocracia estatal. São vários mitos que, independentemente da nossa capacidade ou não de percebê-los ou de justificá-los ou de conseguir compreendê-los, são mitos que conseguem ter impactos. São mitos que são produzidos e que tem efeitos próprios.

Nós temos aqui a emergência de coletivos, de um grupo social que são os mestiços, que nos permite perceber que a relação sexual durante o projeto colonial também teve um efeito político e um efeito prático porque este é o sujeito mestiço que vai desestabilizar a ordem colonial. Se o colonizador português tinha uma justificação para continuar a colonizar a África, os nossos cabo-verdianos, esses da geração da revista *Claridade* vão dizer: tomem cuidado porque o cabo-verdiano é tão inteligente ou mais do que o português.

Chegaram a dizer que a taxa de escolarização em Cabo Verde naquele tempo era superior à de Portugal. Quando exaltam que nós somos frutos da cultura portuguesa e que em Cabo Verde o negro, se entrou, está quase a sair, que em Cabo Verde o cabo-verdiano é tão hábil e tão inteligente quanto o português (porque herdou o que de melhor o português tem), com isso o claridoso está a tirar a legitimidade do projeto colonial. Só não politiza este discurso. Está a retirar a legitimidade que Salazar tinha de dominar e civilizar.

Eles não souberam traduzir este discurso culturalista em um projeto político. Como diz Manuel Ferreira, anularam o pai, mas não souberam matar o pai. O Brasil matou o pai de vez, mas Cabo Verde anulou, esvaziou a legitimidade que Portugal tinha de continuar ali a colonizar Cabo Verde. O mal é que os intelectuais cabo-verdianos diziam que Cabo Verde é um país que herdou o melhor da colonização portuguesa e que Cabo Verde tinha atingido um certo nível, que o seu produto era até melhor do que Brasil para ser apresentado como um exemplo da colonização portuguesa. Portanto, anulou o discurso legitimador do colonizador, mas não soube acabar de vez com o colonizador. Essa é a falha.

Conseguiram adaptar-se ao discurso, de certa forma, anulando o discurso legitimador do colonizador, mas não fizeram a ruptura necessária que na época podia ser extremamente importante. Em 1980, Baltazar Lopes diz simplesmente que na altura não podiam fazer mais do que fizeram, porque qualquer um que ousasse tinha, no mínimo, Tarrafal à vista, que era o campo de concentração de Tarrafal. Eles não tiveram a coragem suficiente para fazer a ruptura.

Os da geração da independência nacional conseguiram fazer a ruptura, porque o grupo inicial da luta de libertação eram estudantes a viver fora de Cabo Verde. Tinham espaço de manobra, de circulação, estavam em Portugal e muitos fugiram a partir do continente europeu. Lá dentro nas ilhas aí já (a limitação das ilhas, a exiguidade do território nacional) não permitia muita audácia.

Pos-colonialidade e poder: narrativas contemporâneas do passado colonial

Porque é importante trazer esses discursos hoje a partir de uma perspectiva feminista pós-colonial? Há pouco tempo eu descobri um livro extraordinário que tem como título “O Senhor da Ilhas”. Já ouviram falar das três Marias? São feministas, são três feministas portuguesas que escrevem *Novas Cartas Portuguesas*⁴. Essas três Marias são três grandes feministas portuguesas que são consideradas as mães do feminismo.

Elas escrevem durante nove meses, período simbólico na vida de uma mulher, pode ser simbolizado por uma gravidez. Elas escrevem as *Novas Cartas Portuguesas* que são excessivamente críticas, profundamente críticas em relação ao projeto fascista em Portugal, ao fascismo português, a Salazar. Portanto, são cartas críticas em relação a Salazar, à ditadura salazarista, uma crítica profunda ao sistema que vigorava em Portugal.

Elas marcaram a uma ruptura completa com o Salazarismo. Os militares de Abril têm um protagonismo

4 Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno, esta falecida a 3 de setembro de 2016, tendo a obra aparecido em 1971.

muito grande na história de Portugal. Depois desses militares, se calhar as três Marias vêm logo porque elas fizeram crítica feminista e uma crítica muito forte ao sistema colonial que quase ditou a prisão das mesmas, mas durante o processo de julgamento houve o 25 de Abril. Então, elas acabaram por escapar.

É que uma dessas feministas descobriu cartas, documentos do seu tetravô em Cabo Verde, uma pessoa que foi governador em Cabo Verde. Manuel Antônio Martins foi governador entre 1833 a 1835. Chegou a Cabo Verde em 1792 e morreu em 1845. Manuel Antônio Martins chegou a Cabo Verde em 1792 como náufrago, um navio de velas naufragou no Atlântico e ele foi jogado numa praia da ilha de Boa Vista.

Chegou como náufrago e quem é que o descobre? Uma menina, filha de portugueses, nascida em Cabo Verde, filha do capitão Aniceto Ferreira lá na ilha da Boa Vista, um português que era capitão lá... que tinha uma casa de donzelas, portanto, essa menina Maria Josafá descobre o náufrago Manuel Antônio Martins e a partir daí inaugura-se uma história de amor. A única narrativa bem construída que nós temos de uma família colonial portuguesa em Cabo Verde é essa.

Justamente uma feminista é que vai reinventar a narrativa, ou que vai refundar a narrativa colonial em Cabo Verde. Portanto, o novo romance colonial cabo-verdiano é justamente de uma feminista, o que achei extremamente interessante porque eu quando li custava a acreditar como é que uma feminista antifascismo, antissalazarista, conseguia escrever um romance sobre a colonização de Cabo Verde, sobre um tetravô que produziu vários filhos ilegítimos, um Senhor que chegou a Cabo Verde como um náufrago.

“O Senhor das ilhas” é porque a mulher branca não sabia o que era governo, não sabia o que é governador. Para ela, a figura do governador se aparentara com Deus, por isso é que o governador é apresentado aqui como um Deus. Manuel Antônio Martins chega a Cabo Verde, consegue esse bom casamento porque se apaixona pela filha de um grande militar em Cabo Verde, consegue explorar outras ilhas, adquire o monopólio da urzela e faz exportação para os Estados Unidos, vai povoar a ilha do Sal, ele é o primeiro povoador da ilha do Sal, depois faz aventuras, produção de vinha lá em Santo Antão, está na origem também das discussões sobre o povoamento de São Vicente.

Então, Manuel Antônio Martins consegue ser uma figura de proa durante a primeira metade do século XIX. O que é interessante perceber é como é que uma feminista antissalazarista vai ficar fascinada com uma história colonial. Evidentemente que seu tetravô foi uma figura, foi o homem mais rico de Cabo Verde do seu tempo, foi um milionário, chegou como náufrago e conseguiu tornar-se milionário num país onde havia seca e escravidão.

Ele chega ao poder pela intriga e de lá sai pela intriga. Chega ao poder em Dezembro de 1833 e em Março de 1835 ocorre uma grande revolta que não é uma revolta de escravos, mas uma revolta de militares brancos europeus, militares açorianos que tinham sido deportados para Cabo Verde. Tinham sido enviados para Cabo Verde na sequência da derrota de D. Miguel, guerra civil em Portugal, D. Miguel contra D. Pedro.

Com a derrota de D. Miguel, os militares que o apoiaram foram levados para diferentes partes do Império e um grupo de 125 foram parar em Cabo Verde. Na sequência dessa chegada,

brancos contra brancos, os militares brancos, os miguelistas acabaram por saquear a Praia e mataram os militares portugueses que estavam lá e que tinham apoiado D. Pedro. Fizeram uma chacina lá na Praia e depois fugiram para a América do Norte. Essa história é extremamente interessante porque os mestiços cabo-verdianos ou os crioulos, os nativos, os da terra conseguiram urdir uma intriga tão grande que fizeram esse Manuel Antônio Martins cair, porque conseguiram associar a figura de Manuel Antônio Martins como miguelista e conseguiram que D. Maria, que era então rainha, demitisse o Senhor.

Mas o interessante nessa história é que são os naturais da terra que conseguiram fazer com que a rainha demitisse o governador e essa história é mais interessante porque a partir do momento em que o governador cai ele regressa à ilha do Sal e quando regressa à ilha do Sal perde os monopólios, porque chega a Cabo Verde outro governador, Joaquim Pereira Marinho, e esse governador vai ser o inimigo maior de Manuel Antônio Martins.

Apesar de todo o seu protagonismo durante a primeira metade do século XIX, Manuel Antônio Martins acaba por ser silenciado porque vem Joaquim Pereira Marinho que acaba por apoiar os naturais da terra e que acaba por ter um discurso mais favorável aos da terra e acaba por criar alianças mais estáveis. Joaquim Pereira Marinho chega depois a ser escorraçado do poder, mas regressa. Foi o único português que chegou a ser governador duas vezes em Cabo Verde.

Manuel Antônio Martins acaba por ser esquecido na história de Cabo Verde e vem, de repente, em 1994, a Maria Isabel Barreno escrever um

grande livro, “O Senhor das Ilhas”, que é um grande romance histórico, mas com todas as simbologias da família imperial, da moralidade da mulher branca, das escravarias, dos negros escravos que são apresentados sempre agradecendo, sobretudo as mulheres negras agradecendo porque o branco fez filho com elas, portanto, toda essa prática da violência colonial é apresentada a partir da autossatisfação do grupo colonizado, grupo colonizado é sempre apresentado ao redor da grande família, família colonial cuja missão era civilizar a África.

Então, todo esse projeto colonial que é apresentado no romance da Maria Isabel Barenó é extremamente importante para nós fazermos uma reflexão sobre o que é apresentado, sobre a representação ou até a recepção que nós temos da literatura colonial. Curiosamente tudo que eu estou a dizer aqui é apresentado numa forma literária tão bem trabalhada. Mas o discurso, a partir da análise do discurso, vocês vão perceber a carga sexista e colonial forte. Curiosamente, Maria Isabel Barenó foi condecorada pelo Estado de Cabo Verde em finais de 1990.

Por que razão Maria Izabel Barenó foi condecorada? Os portugueses não acreditaram. A crítica literária em Portugal... as primeiras críticas literárias, algumas feministas portuguesas até ficaram hesitantes e disseram: espera aí, se ela foi condecorada em Cabo Verde, significa que os cabo-verdianos pacificamente aceitam aquilo. Portanto, as feministas portuguesas, quando perceberam no tipo de viés que a Maria Isabel Barenó incorreu ficaram numa posição um bocadinho embaraçosa e começaram a dizer mas, se os cabo-verdianos condecoraram é

porque os cabo-verdianos já fizeram as pazes com o processo histórico. O mais grave é que talvez não seja pelas pazes com o processo histórico, mas porque satisfaz a Cabo Verde descobrir sempre elementos ou representações brancas na sua história.

Nós temos aqui toda a sina de violência, tudo que podia ser repugnante, mas ao mesmo tempo, os nossos homens de Estado, os nossos críticos literários apresentam como um grande romance e é condecorada a escritora. Há sempre esta auto-satisfação cabo-verdiana com o projeto europeu ou a identificação dos elementos europeus da nossa história. Foi a partir daí que eu encontrei a tese. A minha tese tinha que estar aqui, porque fazer uma tese sobre o feminismo numa perspectiva pós-colonial tinha que entrar em um diálogo com estas representações da Nação e com as diferentes construções que nós temos sobre os coletivos femininos, sobretudo sobre a dimensão da mulher e nós vamos ter (isso só pra terminar...) essa continuidade, que é uma continuidade turbulenta.

Nós vamos ter uma continuidade lá dentro no arquipélago de Cabo Verde entre aquela construção da mulher

escrava e a mulher badia de hoje. Lá dentro, nós temos diferentes grupos sociais, há ilhas que são apresentadas como as mais europeias e há ilhas que são apresentadas como as mais africanas. A ilha de Santiago é representada como uma espécie de compartimento estanque, ou seja, a ideia de que a África teria ficado apenas lá na ilha de Santiago; as outras ilhas tiveram um outro processo, portanto, a ação do colonizador português teria, como diz João Lopes, mais impacto. Na ilha de Santiago não. Porque, diz o João Lopes, foi a primeira ilha colonizada, foi a ilha que teve a maior massa escrava na sua formação social. Então lá, dizem, há uma maior africanidade. Curiosamente, nesta ilha de maior africanidade essa continuidade conturbada da situação dos grupos femininos mais subalternizados é possível identificar. O mais grave é que essas questões não fazem parte do discurso. Não podem ser enunciados, porque causam perturbações, desestabilizam um projeto que nós queremos apresentar ao resto do mundo que é esse projeto mestiço, projeto crioulo, perfeito, mais perfeito do que a mestiçagem no Brasil.